

João, Hans, Johann, Johannes: dialética dos nomes de batismo numa comunidade imigrante

Dialectics of baptism names in an immigrant community

Sergio Odilon Nadalin¹

sergion@terra.com.br

Resumo. Na perspectiva lingüística, os prenomes assumem uma esfera do uso dos idiomas, o que é coerente com as preocupações expressas na historiografia e na antropologia recente. Na escala de um grupo étnico, a escolha do nome no batismo define um sinal ou signo, compondo um dos “traços diacríticos que as pessoas procuram e exibem para demonstrar sua identidade”. Este artigo pretende desenvolver algumas questões teórico-metodológicas fundamentadas num projeto de pesquisa cujo tema tem como referência a “nomação” dos indivíduos por ocasião do batismo. O trabalho é conduzido pela genealogia fundada por um casal de imigrantes alemães, construída a partir dos registros de batismos, casamentos e óbitos da antiga *Deutsche Evangelische Gemeinde* em Curitiba (1866). O conjunto dos descendentes do casal pioneiro, arranjado por gerações, traduz-se na identidade definida por nomes e sobrenomes, permitindo o exercício que se pretende objetivar neste trabalho. As hipóteses desenvolvidas fundamentam-se na idéia de que categorias de prenomes (estoque “imigrante”, estoque “teuto-brasileiro”, estoque “brasileiro”) podem ajudar a compreender a dinâmica das fronteiras étnicas edificadas pelo grupo imigrante e seus descendentes. A discussão metodológica desenvolve-se em torno da listagem dos prenomes arrolados da genealogia em função das gerações, no intuito de sedimentar a proposta. O artigo desemboca, portanto, em sugestões no sentido de aprofundar e sofisticar a metodologia, na pretensão da utilização do arrolamento exaustivo de nomes para explorá-los, inclusive, em função dos ciclos matrimoniais.

Palavras-chave: prenomes, metodologia, imigração, etnicidade, grupo étnico.

Abstract. From a linguistic perspective, first names play a special role in the use of languages. This is coherent with the explicit concerns in the fields of historiography and recent anthropology. In the scale of an ethnic group, choosing a name when the child is baptized, expresses a specific signal or sign, constituting one of the “diacritical features which people look for and exhibit to show their identity”. This article sets out to develop some theoretico-methodological questions based on a research project whose thesis concerns the naming ceremony at the baptismal fonts. The work follows the genealogy founded by a married couple of German immigrants using the baptism, marriage and death records of the old *Deutsche Evangelische Gemeinde* in Curitiba, capital of the State of Paraná, in the south of Brazil. The identity of descendants of this couple of settlers, organized by generations is expressed by their first names and last names, thus allowing the scientific investigation of this work. The hypotheses elaborated here are based on the idea that categories of first names (“immigrant”, stock, “German-Brazilian”, stock, “Brazilian” stock) can help us understand the dynamics of the ethnic frontiers built by the immigrant group and their

¹ Doutor em História. Docente do Departamento de História da Universidade Federal do Paraná. Pesquisador Bolsista do CNPq.

descendants. The methodological discussion unfolds around the genealogy's inventory of names in relation to the different generations. However, in the conclusion of this article, we give out suggestions to improve and refine this methodology if it is to be used in the exhaustive enumeration of names in relation to matrimonial cycles.

Key words: first names, methodology, immigration; ethnicity; ethnic group.

Na aldeia de Palaiseau [...], no começo do século IX, o colono *Teud-ricus* e a sua mulher, *Ermenberta*, puseram a um dos filhos o nome de *Teut-hardus*, a outro, *Erment-arius* e ao terceiro, por dupla referência, *Teut-bertus*. Depois, tornou-se hábito fazer passar o nome inteiro de geração em geração [...]
(Bloch, 1987, p. 153)

No final dos anos 1970, ao desenvolver a pesquisa para a tese de doutorado, apresentada na *École des Hautes Etudes en Sciences Sociales*, em Paris (Nadalin, 1978), estava preocupado com o que, desde então, passei a denominar “indicadores de etnicidade”. Tratava-se de um trabalho orientado para a Demografia Histórica; entretanto, meu objeto era constituído por uma paróquia que reunia, desde sua fundação em 1866, imigrantes luteranos de origem alemã e seus descendentes. Assim, tinha a pretensão de ser original em relação às inúmeras “*monographies de paroisse*” que, na época, se faziam na França.

Consagrei, então, um capítulo do meu trabalho para tentar discernir e compreender, no período estudado, o processo de contatos culturais desenvolvido pelo grupo inserido na sociedade curitibana. Um dos seus indicadores traduzia-se nas séries estabelecidas por casamentos intra e interétnicos, cujos dados trazia da minha dissertação de mestrado (Nadalin, 1975). Colocado em relação ao primeiro, o segundo grupo de indicadores foi construído durante o desenvolvimento da tese. Alicerçava-se na tentativa de elaborar quantificações a partir de algumas categorias, agregando grupos diferenciados de nomes de batismo: “prenomes de origem germânica”, “prenomes de origem teuto-brasileira” e “prenomes cuja herança cultural e a moda tornaram de uso corrente” (Nadalin, 1978, p. 179-180).

Desde então, os rudimentos de uma metodologia que, apesar de na época já demonstrarem suas virtualidades, foram deixados de lado – mas não esquecidos. Tanto assim que a possibilidade de aprofundar algumas questões a respeito me levou a rediscuti-los com Alain Bideau

(Université Lumière Lyon 2), meu parceiro em vários trabalhos, tendo em vista o aproveitamento da metodologia numa pesquisa baseada em recortes longitudinais, e considerando como horizonte os estudos relativos à fecundidade do grupo².

Dessa atividade conjunta resultou uma comunicação apresentada em 2001 (Nadalin e Bideau, 2001, 2004). O caráter provisório de várias decisões, muitas delas ainda alicerçadas na primeira abordagem do problema definida em 1978, levou-nos a os leitores e os participantes do colóquio de que se tratava de um ensaio metodológico. Entretanto, as discussões e o interesse demonstrado pela pesquisa animaram-me a reconstruí-la de forma mais adequada.

O presente texto reapresenta e desenvolve algumas questões teórico-metodológicas fundamentadas no projeto de investigação que desenvolvo, amparado pelo CNPq (Nadalin, 2004a), cujo tema tem como referência, portanto, a “nomenclatura”³ dos indivíduos por ocasião do batismo. Na perspectiva linguística, os nomes assumem uma esfera do uso dos idiomas (Siemens, 1992, p. 1), o que é coerente com as preocupações expressas na historiografia e na antropologia recente⁴; com efeito, o estudo dos prenomes interessa principalmente pelas hipóteses permitidas no que se refere à transmissão de comportamentos e ao “consumo simbólico” nas sociedades de ontem e de hoje (Dupâquier, 1984, p. 5)⁵.

No quadro da construção (e da “desconstrução”) de uma identidade étnica articulada à história da imigração no Brasil e de um processo de urbanização (Curitiba), seus

² Por exemplo, Bideau e Nadalin, 1988; 1991; 1992; 1993; 1995 – no quadro de pesquisas financiadas pelo convênio CNPq-CNRS.

³ Ou, talvez melhor – como sugerem vários textos franceses –, a “*prénominação*”. Desde logo esclareço o leitor que não distingo conceitualmente “nome” e “prenome” de batismo. No texto, a utilização de um ou outro termo tem a ver, muito mais, com exigências de estilo.

⁴ Philippe Besnard clama, igualmente, por uma exploração sociológica dos prenomes (1984, p. 51-59).

⁵ Diversas questões relacionadas foram debatidas em Paris, no ano de 1980, nos *Entretiens de Malher* (Dupâquier et al., 1984). Chamo, também, a atenção para o número especial da revista L'HOMME (1980), elaborado com a finalidade de discutir a convergência de interesses entre antropólogos e historiadores em torno da pronominação.

fundamentos iniciais, como foi mencionado, foram colocados há muitos anos (Nadalin, 1978). Na ocasião já imaginava agregar à tradicional e discutível (Willems, 1980, p. 322-323) utilização do casamento endogâmico outras referências de etnicidade. É nesse contexto que se insere a proposta deste artigo, objetivando identificar mudanças na utilização dos nomes de batismo num processo, complexo e contraditório, de contatos culturais.

Este trabalho tem como fio condutor a genealogia fundada por um casal de imigrantes alemães, *Christian* e *Christine* Strobel, construída com base nos registros de batismos, casamentos e óbitos da antiga *Deutsche Evangelische Gemeinde* em Curitiba e emoldurada por uma biografia narrada em primeira mão por *Gustav Hermann*, o segundo filho do casal (Strobel, 1987)⁶. O conjunto dos descendentes do casal pioneiro, arranjado por gerações, traduz-se na identidade definida por nomes e sobrenomes, permitindo o exercício que se pretende para objetivar este artigo.

Devo ainda mencionar que a referida genealogia resultou da utilização de um *software*, conhecido com o nome genérico de “SYGAP”⁷, o que remete à metodologia da reconstituição de famílias (Fleury e Henry, 1965). Articulando convenientemente as informações provenientes dos registros paroquiais (Nadalin, 2004b, p. 115-123), as técnicas concernentes permitiram a construção da base de dados das pesquisas que tenho desenvolvido nos últimos anos.

Uma linhagem imigrante

O casal formado por *Christian August* Strobel [11.11.1818]⁸ e *Christine Friederika* Herold [29.11.1825] embarcou em Hamburgo, no dia 30 de setembro de 1854, com seus três filhos, *Emilie Bertha* [01.09.1846], *Gustav Hermann* [01.07.1851] e *Emil Robert* [1853]. O destino no Brasil era a Colônia Dona Francisca (Joinville), localizada não longe da costa e no norte do atual Estado de Santa Catarina. Nas sociedades emissoras, estes emigrantes exemplificavam a inserção num meio social marcado por maiores ou menores heranças camponesas e práticas medievais, que se destacavam nas classes populares e na pequena burguesia urbana, situação ainda característica em várias regiões da Alemanha na metade do oitocentos (Nadalin, 1999, p. 211). De modo que não era contraditório, no contexto

do início da imigração, o fato de *Christian* ser carpinteiro e reivindicar um pedaço de terra para cultivar na colônia⁹.

Desembarcaram no porto de São Francisco, próximos do destino final, no dia 20 de novembro de 1854; em pouco tempo a situação difícil na colônia e a falta de recursos para comprar um lote de terras pressionaram a família a mudar-se para Curitiba, como parte de um fluxo “remigratório” no mesmo sentido. Embora no início algumas atividades agrícolas de subsistência fossem desenvolvidas pelo casal, desde logo *Christian* procurou aproveitar a sua experiência profissional anterior na cidade que se desenvolvia como capital de Província.

Emilie, Gustav, Emil, depois *Maria, Anna e Fani*. Grifamos, aqui, prenomes que encabeçavam os registros de batismo dos filhos de *Christian* e *Christine*. O casal desembarcou com três crianças batizadas na Alemanha, e, passado algum tempo, o estabelecimento dos Strobel em Curitiba é sinalizado pela retomada do crescimento da família, tendo-lhes nascido mais três filhos: *Maria* [08.07.1855], *Anna Luiza* [07.12.1858] e *Fani* (ou *Fanni*) [17.11.1861]. Apesar de luteranos, a ausência de uma assistência evangélica levou-os a batizarem suas filhas na Igreja Católica.

Até que ponto esta história familiar demarcou as possibilidades de escolha dos nomes de batismo destas últimas crianças? Em primeiro lugar, há que observar que a nomeação dos filhos resulta de uma prática social largamente reconhecida, em que o nome é signo de reconhecimento e de *pertencimento* (Gélis, 1984, p. 537-538)¹⁰.

Aujourd'hui les prénoms sont choisis et connus longtemps avant la naissance de l'enfant. Le choix en revient aux parents et ceux-ci comprendraient mal qu'on veuille les priver d'une liberté qu'ils considèrent en effet comme un droit. Nos contemporains recherchent pour leurs enfants le prénoms rare ou celui dont la consonance leur paraît élégante; mais en voulant se distinguer, ils tombent en réalité dans la plus parfait conformisme puisqu'ils ne font que répercuter la mode du moment. Il en allait tout autrement aux siècles passés, où “le désir d'individualiser l'enfant par un prénom original s'effaçait devant les impératifs de la filiation”¹¹, devant la nécessité de transmettre de génération en génération les biens réels et symboliques

⁶ Sobre a linhagem fundada em Curitiba pelo casal Christian e Christiane, ver Machado (1998). Eu também já havia recorrido à referida genealogia quando, juntamente com Alain Bideau, escrevi o texto mencionado acima, a respeito do tema deste artigo (Nadalin e Bideau, 2001) e, logo depois, utilizei esses relatos para problematizar o projeto de pesquisa submetido ao CNPq (Nadalin, 2004a).

⁷ SYGAP, Système de Gestion et Analyse de Population (Bideau et al., 1991).

⁸ A biografia de Christian e Christine inspirou uma série de trabalhos, a começar pelo próprio relato assinado pelo filho mais velho do casal, Gustav Hermann (Strobel, 1987), e que serviu de fio condutor à dissertação de Mestrado de Cécilia da Silva Machado (1998).

⁹ Christian Strobel era filho de um proprietário rural e mestre-escola em Poppengrün (Vogland). “Apesar de ser o primogênito, podendo, portanto, herdar a propriedade, preferiu aprender carpintaria e, após o término da aprendizagem, seguiu para outras cidades a fim de aperfeiçoar-se na profissão. Na viagem de regresso, chegou a Clauchau, onde se fixou e casou” (Machado, 1998, p. 22).

¹⁰ Sintomaticamente, o título do item no qual se inscreve a referência é, traduzindo: “nomear, é socializar” (Gélis, 1984, p. 537-550).

¹¹ O autor referenciado cita texto inédito de André Burguière, intitulado “L'attribution de prénom en France: approche historique”, ref. ao colóquio realizado sobre o tema (Não encontrei o presente título nas atas do evento, organizado por Dupâquier et al., 1984).

de la lignée ; et le prénom jouait un rôle essentiel dans le patrimoine transmissible (Gélis, 1984, p. 538)¹².

Refletindo sobre a questão na perspectiva étnica, diria que os contatos culturais desenvolvidos ao longo do tempo por um grupo repercutiriam igualmente na escolha do prenome como um sinal ou signo, compondo um dos “traços diacríticos que as pessoas procuram e exibem para demonstrar sua identidade” (Barth, 1998, p. 194)¹³. “Identidade” que constitui a percepção que cada um tem de outrem, identidade que estabelece, portanto, a *différence*. Exemplificando com a última filha do casal Strobel, *Fani* (forma aportuguesada grafada em ata de batismo da Catedral Nossa Senhora da Luz dos Pinhais de Curitiba), ou *Fanny* (nome familiar e carinhoso de origem inglesa, mas de largo uso entre os alemães), constituem formas de um prenome que identifica uma diferença que pode ser visualizada tanto no nível de um grupo que estava se constituindo quanto na sociedade receptora. Estabelecer-se-ia, assim – consciente ou inconscientemente –, uma fronteira entre o imigrante estrangeiro (e, eventualmente, seus descendentes) e os “outros”¹⁴.

Mesmo que, do ponto de vista do processo da construção de uma identidade étnica, os Strobel tivessem pouco tempo de experiência de contato com a sociedade receptora, é possível já se falar – acompanhando o raciocínio desenvolvido por Françoise Zonabend (1984, p. 23) –, no caso e de maneira geral, de uma “identidade étnica”. Melhor ainda, como avengei acima, poder-se-ia falar de “fronteiras étnicas” que começavam a estabelecer-se com a inserção dos diversos grupos imigrantes no meio curitibano. Para completar, acompanhando ainda o que acredita a antropóloga, é útil lembrar que cada prenome possuiria uma coloração psíquica singular, evocando, para quem o atribui, reminiscências culturais e pessoais que extrapolariam seu significado original (Zonabend, 1984, p. 25). Em suma, imaginando uma situação de contato que configuraria o

início de uma identificação étnica, a atribuição do prenome *Fanny* independeria do fato de, originalmente, constituir-se num hipocorístico de *Estefânia* ou *Francisca* (Guérios, 1981, p. 117-118).

Dar um nome também traduzia um poder simbólico, exercido pelos pais do batizando – talvez, em parte, influenciado pelos desejos da mãe¹⁵. No caso dos três primeiros filhos do casal em referência, cuja nomeação seguramente não resultou de qualquer interferência “étnica”, quicá seja ainda possível indicar que, em última instância, deveria ter intervindo na escolha a “família” – e aqui estou me reportando ao seu sentido mais amplo, o que incluiria a “família espiritual”, padrinhos e madrinhas (Burguière, 1984, p. 29-35)¹⁶.

Não é possível ir muito longe nessas especulações. Provavelmente, a designação dos três primeiros filhos resultou de uma determinada relação desenvolvida na comunidade na qual o casal estava inserido, na Saxônia Alemã, e num ambiente de difusão cultural próprio ao seu meio. Com efeito, é fácil identificar *Emilie Bertha*, *Gustav Hermann* ou *Emil Robert* como parte de um estoque de nomes largamente conhecido, o que é comprovado pelas listagens recuperadas na *web* para as denominações favoritas na Alemanha do Norte. Destacando o período 1890 e 1919, verifiquei que os mencionados prenomes mantêm-se, em quase todos os anos, no topo das preferências (Beliepte Vornamen, 2006)¹⁷.

Entretanto, para os problemas que estão sendo colocados, acredito que, ao optar por um nome de batismo, os pais de uma criança são ou estão influenciados por uma determinada herança¹⁸, ou seja, os nomes são emprestados de um estoque cultural, e a maneira de grafá-los refere-se à língua falada e escrita. Portanto, *Emil* ou *Emílio*, *Gustav* ou *Gustavo* são versões diferentes de nomes usuais na nossa cultura ocidental, e que compõem, mesmo, listagens atuais conhecidas na própria Alemanha¹⁹. Ora, é justamente a essa questão, relacionada a uma possível ênfase de uma

¹² Hoje em dia os nomes são escolhidos e conhecidos muito tempo antes do nascimento da criança. A escolha do nome pertence aos pais e seria difícil para os mesmos entender que essa liberdade de escolha que eles consideram como um direito pudesse lhes escapar. Nossos contemporâneos procuram para os filhos os nomes incomuns ou aqueles que lhes soem elegantes. Porém, nessa busca pelo diferente, na verdade, eles são verdadeiramente conformistas, pois eles só refletem a moda do momento. Era bem diferente nos séculos passados quando “o desejo de individualizar a criança por meio de um nome original desaparecia frente aos imperativos da filiação”, frente à necessidade de transmitir de geração em geração os bens materiais e simbólicos da linhagem; e o nome desempenhava um papel fundamental no patrimônio transmissível.

¹³ Ou, apropriando-me livremente de outra menção, o prenome constitui um bem cujo consumo é, simultaneamente, gratuito e obrigatório, sendo, em especial no grupo étnico, função de identificação e de distinção própria a este consumo (Schnapper, 1984, p. 14; Besnard, 1984, p. 58).

¹⁴ O tema do prenome como símbolo é também desenvolvido na perspectiva de uma “orientação nacional”, como faz Sasha Weitmann (1987, p. 879).

¹⁵ Guérios (1981, p. 21) menciona uma referência a Rochetal (*Onomatologie ou Le Caractère par le Prénom*, 1908, Paris), discutindo a ingenuidade embutida na *onomatomania*, superstição que vem de longe, na qual o nome “exerce ou poderá exercer influência na pessoa que o traz ou na sua vida”. Ao explicitar, alude à argumentação de que o referido autor faz uso, ao sustentar que é a mãe que escolhe, em geral, o nome do recém-nascido, situação especial para pôr em prática a crença de que poderá ver desenvolver na criança qualidades inerentes ao nome escolhido (personagens históricas, heróis de romance etc.). A esse respeito, ver também Zonabend (1980, p. 15) e, da mesma forma, Burguière (1980, p. 40-41).

¹⁶ O estudo das relações entre a nomeação e o compadrio enquadra-se nos objetivos do projeto de investigação que está sendo desenvolvido (Nadalín, 2004a). Entretanto, o seu desenvolvimento depende ainda do arrolamento dos nomes dos padrinhos e das madrinhas das crianças batizadas na comunidade dos luteranos em Curitiba.

¹⁷ As referidas informações não existem para o período anterior a 1890.

¹⁸ *Emil* e *Emilie* constituem a forma germanizada de prenome provavelmente latino, derivado de *Aemilius* (*Aemulus*). Vejamos as outras nomeações que compõem as combinações de nomes que identificam os três primeiros filhos do casal, nascidos na Alemanha: *Bertha* tem origem germânica; *Gustav* tem origem nórdica e germânica (no sueco, *Gustaf*, que se pronuncia da mesma maneira que na forma germânica); *Hermann* e *Robert* tem, de modo igual, proveniência germânica (Guérios, 1981, p. 110, 72, 137, 142, 212, respectivamente).

¹⁹ *Emílio*, por exemplo, está na mesma lista que *Emil*, entre 214 nomes de meninos iniciados por ‘E’, conhecidos na Alemanha, junto com *Eicke*, *Edik*, *Eyk*, *Evangelos*, *Eyyup*, *Elsayed*, *Ehler* e outros. Do mesmo modo, *Gustavo*, também como *Gustav*, está entre 207 nomes iniciados com ‘G’, juntamente com *Ghassem*, *Gürbüz*, *Cernot*, *Guillermo*, *Gaston*, *Ghodratollah*, *Gürol*, *Gavin*, *Gennadi*, *Giyasettin*, *Gösta*, *Gunner*, *Giuseppe*, *Giancarlo*, *Grischa*... (Ver a ferramenta <http://www.beliepte-vornamen.de/suche.htm>).

fórmula ou mesmo de um estoque mais “germânico”, que a pesquisa em curso está dando relevância, embora não estejam descartadas motivações individuais que, entre outras, resultavam do desejo de honrar os avós, padrinhos ou personagens bíblicos²⁰.

Ao imigrarem, *Christian* e *Christine* Strobel tiveram de reconstruir suas relações com a sociedade que deixaram para trás, em função da natureza dos contatos que começaram a estabelecer com a sociedade receptora; em função, de modo igual, do confronto com as novas oportunidades geradas por um ambiente diferente. Assim sendo, ao emigrar, o casal cortou, na prática, muitos laços que os uniam à sociedade “emissora” – mantendo com ela, é sempre necessário frisar, ligações simbólicas e afetivas. Desligados fisicamente da comunidade original, estabeleceram novas relações, seja com compatriotas, seja com membros da sociedade curitibana, reavaliando a orientação de seus valores fundamentais e os sinais ou signos por meio dos quais se identificavam. Refletindo a partir desses aspectos, pretende-se que os nomes escolhidos para as três filhas que nasceram em Curitiba poderiam traduzir essa nova situação, característica de uma história muito original.

Christian August, sua mulher e filhos foram, de certo modo, pioneiros no já apontado processo de remigração que conduziu centenas de colonos de origem germânica da Colônia Dona Francisca e de outras partes de Santa Catarina para Curitiba. Sem recursos, dependeram em grande parte do trabalho que desenvolveram e “da boa estrela” do imigrante (Machado, 1998, p. 9 ss). Nunca esmorecendo, contaram também com a colaboração de várias pessoas, tanto de outros alemães como de proprietários brasileiros. Até algum tempo depois do nascimento de *Fanny*, ainda viviam de diversos expedientes e do que ganhava o marido desenvolvendo diferentes tipos de trabalho. Não eram, essencialmente, artes da carpintaria; além disso, vendiam, no mercado da cidade, excedentes do que produzia a horta que plantavam no terreno das várias casas que, sucessivamente, alugaram até construírem a sua própria. Também ganhavam alguns trocados albergando imigrantes que passavam ou chegavam à região, ao sul de Curitiba e no caminho das colônias em Santa Catarina.

É importante grifar que foi no contexto inicial de um novo mundo de trabalho que construíram e do processo de inserção numa sociedade diferente daquela de onde eram originários, que nasceram os três últimos filhos do casal. No Novo Mundo, a linhagem Strobel redefinía-se e reconstituía-se, assim, imersa num processo de socialização que incluía contatos comerciais e de trabalho no mercado propiciado pela cidade. Essas relações amiúde desenvolviam-se com a demanda de contratadores de origem brasileira, muito embora, cada vez mais, fossem requisitados os serviços especializados de *Christian* por mestres-de-obras alemães, que marcaram a renovação urbana de Curitiba até, pelo menos, os anos 90 do século XIX²¹. É nesse âmbito – e do crescimento econômico – que se desenrola um processo de maior inserção da família Strobel no grupo imigrante, participando seja nas atividades comunitárias da igreja, seja em associações de caráter étnico²².

Pelo exposto, os nomes dos três primeiros filhos foram sem dúvida extraídos do estoque cultural germânico. Entretanto, para os três últimos, todas meninas e nascidas em Curitiba, poder-se-iam visualizar algumas concessões dos nossos atores, em relação à identificação no momento do batismo?

Vejamos o caso da primeira filha curitibana, *Maria*. Tanto na sua forma latina como na germanizada (*Marie*)²³, tratava-se de um prenome recorrentemente empregado pelos povos de idioma alemão, e disso não escapou a própria comunidade de imigrantes e descendentes organizados em Curitiba²⁴. Entretanto, talvez seja mais do que coincidência o fato de o casal ter designado a primeira filha nascida no Brasil – simplesmente, sem combinação com outros – por um nome que tem um componente universal. Seria o manifesto de uma concessão ao sistema de registro de batismo católico, ou o signo de uma abertura à própria comunidade luso-brasileira²⁵? O fato é que à *Maria* se segue *Anna*²⁶, outro nome que em português era tradicionalmente grafado da mesma forma (como também em inglês, em francês, em espanhol...). Um nome de origem hebraica, como *Maria*, e comumente utilizado de modo combinado, como inclusive seria o caso (*Anna Luíza Strobel*). Finalmente, é possível acreditar que a forma portuguesa *Luíza* arrolada nos registros da paróquia católica teria sido utilizada como *Louise*²⁷, se a criança tivesse sido

²⁰ Na cultura cristã, o nome de batismo tinha uma dupla função propiciatória. Aquela de assegurar à criança a saúde e a felicidade no mundo, mas também uma boa morte e a vida eterna: era o nome de batismo inscrito no “livro da vida” que se encontrava no céu, e era a maneira como poderia ser reconhecido, quando evocado nas orações (Fine, 1987, p. 869-871).

²¹ A esse respeito, ver o item “Atuação dos empreiteiros alemães em Curitiba”, na dissertação de Denise Eurich Colatusso (2004, p. 48-57).

²² Encontramos, por exemplo, traços da presença de *Hermann Strobel* como associado fundador da sociedade dos artífices alemães em Curitiba [*Handwerker Unterstützungs Verein*], em 1884. Seu irmão *Robert Strobel*, pelo que parece, era mais ativo: foi Vice-Presidente na primeira diretoria dessa Associação, quando da sua fundação em 19 de julho de 1884 (50 JAHRE Handwerker, 1934, p. 25), e várias vezes membro da diretoria [*Vorsteher*] do *Deutscher Sängerbund*, em 1890, 1891, 1895, e 1903 (Niemeyer, 1934, p. 42).

²³ A forma *Marien* não foi registrada entre os luteranos em Curitiba.

²⁴ *Maria* (junto com a forma *Marie*) é, de longe, o prenome de batismo mais utilizado pelos luteranos em Curitiba, seja isoladamente, seja compondo combinações de nomes. Entre 1866 e 1987 contabilizei 459 crianças com esse nome. É justamente a propósito do exemplo *Maria* que Dominique Schnapper alerta que nem sempre tal escolha resulta de uma crescente influência da Igreja (católica), pois outras causas podem intervir na escolha (1984, p. 14).

²⁵ Nessa direção, diria que Jean Roche estava bastante enganado, ao concluir que a utilização do prenome (*Maria*) resultaria de “uma influência bem brasileira” (1968, p. 288).

²⁶ *Anna* é de origem hebraica e tem formas portuguesas, francesas, espanholas, inglesas.

²⁷ *Luíza* é a forma feminina de *Luiz*, *Luís*, cuja origem germânica é *Ludwig* (Guérios, 1981, p. 165). *Louise*, como muitos nomes femininos do estoque germânico, resulta da muito comum influência francesa na nomenclatura.

batizada na Igreja Luterana – e não se pode mesmo deixar de lado a hipótese de que a menina fosse assim chamada no espaço doméstico e privado²⁸.

A identificação pelos nomes de batismo

O percurso da família e seus descendentes na comunidade étnica é parcialmente visível a partir da fundação da paróquia²⁹: é digno de nota que todos os seis filhos de

Christian e *Christine* casaram-se em Curitiba, na Igreja Evangélica Luterana (os genros e noras também eram membros da comunidade). Até a terceira geração essa prática foi mantida, preservando-se a linhagem como luterana: os 36 netos do casal nasceram entre a década de 1870 e os primeiros anos dos 1900, todos batizados na paróquia³⁰. Independentemente da motivação mais específica, a grande maioria deles foi nomeada com prenomes oriundos do estoque cultural alemão, recorrentes entre a primeira geração imigrante (ver Quadros 1 e 2). Os mesmos informam como foram nomeados os netos, bisnetos e tetranetos de *Christian* e

Quadro 1. A Linhagem Strobel – Escolha dos nomes de batismo dos meninos, em função das gerações, séculos XIX-XX.

GER	NOMES COMBINADOS	TOTAL DE ESTOQUE	
		POR GERAÇÕES	INDEPENDENTE DAS GERAÇÕES
1	–	–	–
2	August Karl Emil, August Christian, Albert Eduard, Emil Richard, Ewald Robert, Franz Karl, Friedrich Alwin, Gustav Emil, Gustav Wilhelm, Hermann Karl Alwin, Max Emil, Otto August.	Albert, Alfred, Alwin(3), Anton, August(5), Karl(3), Christian, Eduard, Emil, Fidelis, Franz(2), Friedrich, Gustav(2), Hermann, Julius, Max, Oscar, Otto, Richard, Robert(2), Rudolph, Wilhelm.	Adalbert, Adalberto, Albert, Alberto, Alfred, Alfredo, Alwin(3), Anton, Arnoldo, Arthur, August(5), Berthold, Karl(7), Carlos(4), Cláudio(2), Christian, Kurt, Dorival, Edgar(2), Eduard, Eduardo, Egon(2), Emil(2), Emílio, Erwin, Eugen(2), Eugenio, Felix, Fidelis, Franz(2), Friedrich, Gilmar, Gisbert, Glaucon, Guilherme, Gustav(4), Hans, Harry(2), Heinrich, Heinz, Hellmuth, Hermann(3), Hugo(2), Hudson, Ivo, Josef, Julius(2), Luiz(2), Marcio, Marcos, Marcus(2), Max, Mauro, Nelson(2), Oscar, Oswald, Otto(2), Paul(2), Paulo, Rene, Richard, Robert(3), Roberto(2), Rogério(2), Rolf, Ronald(3), Rubens, Rudolf(3), Waldemar, Walfrid, Walter, Wilhelm(2).
3	Karl Paul, Kurt Walter, Egon Berthold, Heinz Julius, Hellmuth Oswald, Paul Hermann, Rudolph Arthur.	Arthur, Berthold, Karl, Kurt, Egon, Emil, Eugen, Heinz, Hellmuth, Hermann(2), Julius, Oswald, Otto, Paul(2), Rudolph, Walter.	
4	Felix Josef, Gisbert Karl, Carlos Guilherme, Carlos Roberto, Edgar Alfredo, Edgar Eugen, Erwin Karl, Hans Rene, Harry Waldemar, Hugo Robert, Hugo Wilhelm, Nelson Rogério, Nelson Rudolf Karl, Rolf Harry Adalbert, Rubens Egon.	Adalbert, Adalberto, Alfredo, Arnoldo, Karl(3), Carlos(3), Cláudio, Dorival, Edgar(2), Egon, Erwin, Eugen, Felix, Gisbert, Guilherme, Gustav(2), Hans, Harry(2), Hugo(2), Ivo, Josef, Nelson(2), Rene, Robert, Roberto(2), Rogério, Rolf, Ronald(2), Rubens, Rudolf, Waldemar, Walfrid, Wilhelm.	
5	Carlos Eduardo, Cláudio Emílio, Glaucon Luiz, Luiz Alberto, Marcus Henrich, Paulo Rogério, Ronald Eugenio.	Alberto, Carlos, Cláudio, Eduardo, Emílio, Eugenio, Gilmar, Glaucon, Heinrich, Hudson, Luiz(2), Marcio, Marcos, Marcus(2), Mauro, Paulo, Rogério, Ronald.	

Fonte: Arquivo da Comunidade Evangélica Luterana de Curitiba – Registros de Batismos.

²⁸ A experiência com a reconstrução de família mostra que, em muitos casos, o nome que originaliza a biografia de um indivíduo não é, numa determinada combinação, necessariamente o primeiro. Quando adulto, *Emil Robert* era conhecido simplesmente como *Robert Strobel* e seu irmão, *Gustav Hermann*, também pelo segundo prenome.

²⁹ O SYGAP tem uma função que permitiu informar, a partir dos indivíduos codificados em sua "memória", todos os descendentes de *Christian August Strobel*.

³⁰ Os seis filhos do casal fundador inscrevem-se perfeitamente nas estatísticas relativas à fecundidade da primeira geração dos luteranos em Curitiba (1866-1894), com número médio 6 a 7 filhos por casal (Nadalin, 2000, p. 72). Tais números explicam, em parte, o número de netos.

Quadro 2. A Linhagem Strobel – Escolha dos nomes de batismo das meninas, em função das gerações, séculos XIX-XX.

GER	NOMES COMBINADOS	TOTAL DE ESTOQUE	
		POR GERAÇÕES	INDEPENDENTE DAS GERAÇÕES
1	Anna Luiza.	Anna, Fani (Fanny), Luiza (Louise), Maria.	Adelheid, Anna(4), Arlete, Beatriz, Bertha(3), Karin, Carmem(2), Carmen, Charlotte, Christiane, Christine, Clara(2), Cristina, Daysi, Débora, Doris, Doroty, Edda, Edith, Elisabeth(2), Elsa, Elza, Emilie(2), Emma, Erna, Esther, Evelyn, Fani(2), Fanny, Frieda, Friedericke, Gerda, Herminia, Hilda, Hildegard, Ingeborg, Isolde, Josephine, Lidia, Lilian(2), Lina, Lucia, Luisa, Luiza, Magali, Mara(2), Margot(2), Maria(4), Marie, Marisa(2), Marlene, Marli(2), Meta, Minna, Miriam, Norma, Olga, Regina(2), Roseli, Rosi, Rumilda, Ruth, Silda, Sylvia, Sileze(sic), Simone, Sueli, Vera, Vivian.
2	Anna Maria Fani, Anna Josephine Friedericke, Adelheid Herminia, Charlotte Clara Emma, Clara Emilie, Mathilde, Emilie Lina, Maria Minna, Marie Christine.	Adelheid, Anna(2), Bertha, Charlotte, Christine, Clara(2), Emilie(2), Emma, Fani(sic), Frieda, Friedericke, Herminia, Josephine, Lina, Maria(2), Marie, Mathilde, Minna, Olga.	
3	Elza Bertha, Hilda Bertha.	Anna, Bertha(2), Elza, Erna, Hilda, Meta.	
4	Carmem Sylvia, Gerda Hildegard, Ingeborg Fanny, Maria Luisa, Rosi-Marli, Rumilda Marlene, Sileze Cristina, Sueli Esther.	Arlete, Carmem(2), Carmen, Cristina, Daysi, Doris, Doroty, Edda, Edith, Esther, Fanny, Gerda, Hildegard, Ingeborg, Isolde, Lucia, Luisa, Margot (2), Maria, Marisa(2), Marlene, Marli(2), Miriam, Norma, Roseli, Rosi, Rumilda, Ruth, Silda, Sylvia, Sileze(sic), Simone, Sueli, Vera, Vivian.	
5	Karin Lilian, Elsa Regina, Evelyn Elisabeth, Lídia Elisabeth, Lilian Beatriz, Mara Regina, Silvia Mara.	Beatriz, Karin, Christiane, Débora, Elisabeth(2), Elsa, Evelyn, Lídia, Lilian(2), Magali, Mara(2), Regina(2), Silvia.	

Fonte: Arquivo da Comunidade Evangélica Luterana de Curitiba – Registros de Batismos.

Christine, mas nada dizem a respeito dos *porquês*. Como já expus acima num quadro teórico sintético, a questão é bem complexa, uma vez que, independentemente das pressões da família e da comunidade, os pais – e, eventualmente, padrinhos – tinham motivos muito próprios para a escolha dos nomes dos seus filhos.

Para colocar a questão em perspectiva e objetivá-la convenientemente, é preciso tentar chegar a alguns denominadores comuns – naturalmente, procurando equacioná-los no tempo, de uma certa maneira expresso aqui pela sucessão das gerações que traduzem o desenvolvimento da linhagem. Com essa finalidade, as informações arroladas nos quadros em referência necessitam de um tratamento conveniente, tendo em vista o que se tenciona com a pesquisa. E isso nos remete, é claro, ao tema da etnicidade.

Abstraiamos por enquanto as possibilidades de tratamento e análise apresentadas pelas combinações de nomes, principalmente em função das suas aplicações muito específicas³¹. Focando, portanto, nossa atenção ao total do estoque dos Quadros 1 e 2, algumas observações podem ser anotadas.

Em primeiro lugar, a pergunta óbvia alude à herança cultural dos imigrantes e descendentes, transmitida pela nomeação de suas crianças por ocasião do Batismo luterano, reforçando ou não uma definição de fronteiras étnicas. Em outras palavras, a questão se traduz na existência de um estoque de nomes caracteristicamente alemão, e nessa direção teremos de adotar algumas diretivas de caráter metodológico, em grande parte oriunda da minha experiência no trato da reconstituição de famílias do grupo³².

³¹ Na sua tese de doutorado, João Udo Siemens estuda o emprego dos binômios, trinômios e nomes únicos entre os luteranos em Curitiba, a influência dos nomes de pais e padrinhos na composição dos prenomes (o autor não tem como verificar a marca dos avós na nomeação), a "evolução histórica" dos nomes combinados, fatores "estético-eufônicos" etc. (1992, p. 69-74).

³² Devo, entretanto, tributar a Siemens (1992) parcela importante da minha compreensão do problema e, em consequência, das decisões metodológicas que tomei.

De fato, os alemães parecem ter desenvolvido, desde há tempos, uma tradição muito livre em relação às regras de nomação lá adotadas³³. Ao lado dos recorrentes *Carl, Wilhelm, Friedrich e Wilhelmine, Emma, Auguste...*, desde o início da comunidade, em 1866, prenomes como *Daniel, Magnus, Danilo, Nelson, Harry* e, muito mais notoriamente entre as meninas, *Carmem, Mercedes, Dolores, Lydia, Sophia* e outros, sem mencionar *Anna e Maria*, fazem parte do estoque de prenomes utilizados pelo grupo, alguns encontrados nos quadros 1 e 2. Complica ainda mais o problema o emprego *Louis* (ao lado de *Ludwig*³⁴) e *Louise* (e, ainda, *Charlotte, Christine* – como o próprio nome da mulher de *Christian* –, *Pauline, Odette, Josefine, Camille, Claudine, Juliette, Margot* e assim por diante), de nítida influência francesa; ou, um pouco mais na passagem do século, *Alice, Helen ou Ellen*, que podem apontar para influências inglesas, sem mencionar prenomes de origem latina como *Angelica, Barbara* e outros. Se, um por um, não são escolhas significativas, somam na contabilidade geral, devendo levar a uma necessária ponderação sobre o que significa realmente um “estoque de nomes imigrantes germânicos”.

Por outro lado, evidenciam-se alguns prenomes que começavam a ser utilizados mais significativamente a partir do final do século XIX entre os membros da comunidade evangélica, anunciando novidades em relação ao estoque original e, provavelmente, mudanças de comportamento. Refiro-me, por exemplo, a *Clara, Olga, Oscar*, sem mencionar traduções de originais “imigrantes”, como *Adalberto, Eugenio, Emilio, Roberto, Alfredo...*; além de uma nomeação completamente original, de origem latina (*Fidelis*).

Como considerar toda esta complexidade? As informações registradas na última coluna dos Quadros 1 e 2 poderiam ser distinguidas como mostra, primeiramente, o Quadro 3, construído independentemente das gerações dos descendentes do primeiro casal Strobel em Curitiba. Seu simples exame é revelador, pois aponta disparidades em relação à nomação dos meninos e das meninas, o que pode ser significativo no que se refere a um maior ou menor conservadorismo em função do gênero.

Da mesma forma, tal visualização teria de ser completada por um outro tipo de listagem, confrontando a utilização de um conjunto de prenomes não identificados etnicamente, de caráter francamente “brasileiro” e cosmopolita e bastante influenciado pela moda, com o emprego de nomes de caráter imigrante, mas aportuguesados. Tendo em vista o caráter demonstrativo e metodológico dos arranjos que estão sendo realizados e o risco da pulverização das informações (estamos tratando de um número relativamente pequeno de dados), o Quadro 4, da mesma forma que o anterior, também abstrai as diversas gerações presentes nas observações.

Qual o risco evidente da categorização em referência? O fato de que alguns nomes são ou poderiam ser originalmente aportuguesados, como Guilherme, por exemplo, mas que, no decorrer do tempo, tornam-se “brasileiros” ou, principalmente, tornaram-se moda, poderia corromper as análises. Para evitar esse viés, mesmo correndo o risco de condicionar a pesquisa, tive de ponderar as informações, o que assinei no quadro 4 colocando alguns prenomes entre parênteses: *Luiz*, por exemplo, tanto poderia ser um prenome traduzido como nome de moda, freqüentemente utilizado na sociedade curitibana. Neste caso optei por considerá-lo nessa perspectiva e não contabilizá-lo na coluna dos prenomes aportuguesados.

O leitor poderá julgar tal decisão arbitrária, mas é preciso lembrar que considere na minha decisão o fato de que as duas crianças assim nominadas pertencerem à quinta geração da linhagem, tendo sido batizadas após a linha de corte demarcada pelos anos de 1939-1945, que, do ponto de vista dos processos de contatos culturais desenvolvidos entre o grupo e a sociedade cultural, divide a história da comunidade luterana em Curitiba em dois períodos (Nadalin, 2000, p. 43-52).

Enfim, uma breve contabilidade permite a construção de uma tabela muito simples que inclui a observação de todas as gerações que constituem a linhagem Strobel na paróquia luterana em Curitiba, a partir de algumas variáveis que se detectam direta ou indiretamente dos Quadros 1 a 4 (Tabela 1).

Esta tabela constitui uma amostra das possibilidades da metodologia proposta. Uma análise da disposição dos

³³ O arrolamento e as análises realizadas para os prenomes preferidos utilizados na Alemanha do Norte demonstram a “flexibilidade” cultural dos alemães nessa matéria, o que é facilitado por uma legislação, provavelmente muito antiga, igualmente flexível. Pelo que me foi dado observar, parece ser característico em muitos países de idioma alemão, pelo menos desde o final do oitocentos, o uso corrente de nomes de origem não-germânica. Uma lista dos mais populares, tal como é possível encontrar em <http://www.gfds.de/index.php?id=63>, mostra a diversidade do acervo utilizado. Nesta tradição cultural, e como definem as regras atuais do direito, a atribuição dos prenomes de batismo é responsabilidade dos pais da criança, não existindo restrições para a nomação – a esse respeito, ver, na constituição alemã, a “Namensrecht” (http://home.arcor.de/standesamtsinfo/von_a-z/von_a-z.html#bgb). Entretanto, a liberdade referida não é absoluta, pois as escolhas dos prenomes não devem atentar contra a “tradição e a ordem”, nem possibilitar a transformação da criança em objeto de escárnio (inclusive no que se relaciona à coerência do nome em relação ao sexo da criança). Entretanto, apesar dos nomes serem escolhidos pelos pais, a palavra final costuma ser do tabelião que pode, se assim julgar, negar o registro. Nesse sentido, uma inconformidade dos pais deve passar pela análise da “Sociedade para a Língua Alemã” (*Gesellschaft für deutsche Sprache* – <http://www.gfds.de/index.php>), cujo julgamento nesse âmbito costuma ser decisivo. Trata-se de uma abordagem muito diferente de outros países, tais como Portugal (ver http://www.dgrm.mj.pt/civil/adm_nadm.asp). Entre os imigrantes e descendentes, identificados etnicamente, tudo indica que os prenomes mais germânicos fossem aportuguesados na ocasião do registro do nascimento, numa esfera mais “pública”, e o nome registrado no batismo teria uma conotação mais “privada”. Também me parece que o pastor, mais preparado intelectualmente, e que nos primeiros tempos da comunidade em Curitiba efetuava os registros de Batismo, poderia eventualmente chamar a atenção dos pais sobre algum problema com os prenomes escolhidos. Enfim, entramos aqui no terreno das especulações.

³⁴ Durante todo o período investigado só encontrei uma vez a forma *Ludovika* – aliás, grafada de maneira incorreta –, entre os anos de 1895 e 1919.

números acima teria mais sentido se eles fossem redistribuídos em função das gerações, ou do tempo, o que implicaria a pulverização das cifras, inviabilizando qualquer conclusão. Entretanto, as diferenças entre as diversas categorias utilizadas e as relações entre os nomes de meninos e de meninas permitem vislumbrar as virtualidades de tal abordagem e, na mesma direção, o peso da utilização de prenomes retirados de um estoque germânico entre os descendentes dos Strobel.

Os Quadros 1 a 4 autorizam, também, verificar que alguns prenomes – tais como *Edith*, *Gerda*, *Hildegard*,

Ingeborg, *Margot* e *Ruth*, ou *Adalbert*, *Edgar* e *Hugo* –, do estoque germânico, são novidades, pois não aparecem na segunda ou mesmo na terceira geração. Se pensarmos numa análise mais exaustiva, poderíamos aventar a possibilidade da criação de uma categoria “teuto-brasileira”, a ser considerada juntamente com os nomes aportuguesados e alguns prenomes inventados (“fantasiosos”).

Com efeito, estou assinalando uma provável tendência a ser levada em conta na metodologia: de uma porção relativamente reduzida, amplia-se de uma geração a outra a quantidade de prenomes utilizados pela linhagem,

Quadro 3. A Linhagem Strobel – Escolha dos nomes de batismo extraídos de um estoque “imigrante”, séculos XIX-XX.

GÊNERO / SEXO	PRENOMES GERMÂNICOS “PUROS”	PRENOMES GERMÂNICOS “FLEXÍVEIS”		PRENOMES “FANTASIOSOS” ³⁵ , REINVENTADOS OU GRAFADOS COM ERRO
		ETNICAMENTE MARCADOS	ETNICAMENTE NÃO MARCADOS	
meninos	Adalbert, Albert, Alfred, Alwin(3), Anton, August(5), Berthold, Karl(7), Christian, Kurt, Eduard, Egon(2), Emil(2), Erwin, Eugen(2), Franz(2), Friedrich, Gisbert, Gustav, Hans(4), Heinrich, Heinz, Hellmuth, Hermann(3), Hugo, Ivo, Josef, Max, Oswald, Otto(2), Paul(2), Richard, Robert(3), Rolf, Ronald(3), Rudolf(3), Waldemar, Walter, Wilhelm(2).	Arthur, Edgar, Harry, Julius, Marcus, Oscar.	Felix, Fidelis, Nelson(2).	Walfrid (Walfried).
meninas	Adelheid, Bertha(3), Karin, Clara, Edda, Edith, Elisabeth(2), Emilie(2), Emma, Erna, Fanny, Frieda, Friedericke, Gerda, Hilda, Hildegard, Ingeborg, Isolde, Josephine, Marie, Meta, Minna.	Charlotte, Christiane, Christine, Margot, Olga.	Anna(4), Carmem(n)(3), Doris, Esther, Lillian, Lina, Maria, Miriam, Regina, Ruth, Vera.	Fani(2) (Fanny), Rumilda (Romilda), Silda, Sileze.

³⁵ Embora modificadas, as categorias “nomes flexíveis” e “nomes fantasiosos” foram inspiradas pela leitura da tese de João Udo Siemens (1992, p. X-XI).

acompanhando o processo de difusão característica da urbanização, no seu sentido mais lato. Os pais de *Christian August Strobel* – e, muito provavelmente, seus ancestrais mais próximos – já haviam inovado em relação ao modelo herdado da Idade Média: estoque limitado, prenome único, dado pelo padrinho e pela madrinha; prenomes transmitidos na família de uma geração a outra que, na modernidade, começam a se multiplicar graças ao uso de denominações compostas e múltiplas. Tudo indica que esta tendência resultava de uma necessidade de individualização do sujeito no interior de sua família e da sociedade, ao mesmo tempo distinguindo-o e à sua família (Schnnaper, 1984, p. 18). É com esse fenômeno que se visualiza outro: o enriquecimento gradativo do acervo de prenomes não se faz somente agregando às formas “puras” e originais, derivativos, diminutivos³⁶, apelidos e alcunhas, e hipocorísticos – fato que, de certa forma, já se visualiza desde o início da história

da paróquia³⁷. Em grande parte em função da difusão da leitura e da crescente liberdade dos paroquianos luteranos, prenomes de ressonância literária, “auspiciativa”, floral, e outros são atribuídos³⁸, sem mencionar aqueles inventados e reinventados, bem na medida da imaginação dos pais das crianças (Nadalin e Bideau, 2001, 2004). Não seria esse o caso de *Glaucon* e *Sileze*?

Encaminhando uma conclusão

Os procedimentos demonstrados acima foram apresentados numa intenção auscultatória, tendo também em vista o objetivo de demonstrar as virtualidades de uma metodologia: está na pauta, naturalmente, “o testemunho fiel da onomástica” (Bloch, 1987, p. 153). Observo que a proposta está relacionada a uma situação muito específica, tendo como referência a história da comunidade dos

Quadro 4. A Linhagem Strobel – Escolha dos nomes de batismo extraídos de um estoque “teuto-brasileiro” e de um estoque “brasileiro”, séculos XIX-XX.

SEXO / GÊNERO	PRENOMES APORTUGUESADOS	PRENOMES DO ESTOQUE “BRASILEIRO”
Meninos	Adalberto, Alberto, Alfredo, Arnaldo, Carlos(4), Eduardo, Emílio, Eugenio, (Guilherme), (Luiz), (Marcos), (Paulo), Roberto(2).	Cláudio(2), Dorival, Gilmar, Glaucon, Guilherme, Hudson, Luiz(2), Marcio, Marcos, Mauro, (Nelson), Paulo, (Roberto), Rubens.
Meninas	Cristina, Elsa, Elza, Hermínia, Lidia, Luiza, Luisa.	Arlete, Beatriz, Daysi, Débora, Doroty, Evelyn, (Lidia), Lucia, (Luisa), Magali, Mara(2), Marisa(2), Marlene, Marli(2), Norma, Roseli, Rosi, Silvia, Sylvia, Simone, Vivian.

Fonte : Arquivo da Comunidade Evangélica Luterana de Curitiba – Registros de Batismos.

Tabela 1. A Linhagem Strobel – Categorias de prenomes por estoques, décadas de 1850 a 1970 (cinco gerações).

SEXO/ GÊNERO	ESTOQUE “GERMÂNICO”			APORTU- GUESADOS	“BRASILEIROS”	“FANTA- SIOSOS”
	“PURO”	NOMES “FLEXÍVEIS”				
		ETNICAMENTE MARCADOS	ETNICAMENTE NÃO-MARCADOS			
Meninos	39	06	03	09	12	1
Meninas	22	05	11	07	19	4
Total	61	11	14	16	31	5

Fonte: Arquivo da Comunidade Evangélica Luterana de Curitiba – Registros de Batismos.

³⁶ Jean-Pierre Kintz (1984, p. 232) apresenta um quadro exemplificativo de diminutivos masculinos e femininos confrontados aos seus prenomes originais, em comunicação de pesquisa referente a luteranos de Estrasburgo.

³⁷ *Fani*, por exemplo, do inglês ou do alemão *Fanny*, constitui um hipocorístico de *Estefânia* (*Stephanie*) ou *Francisca* (*Franciska*); *Meta*, bisneta de *Christian August*, foi batizada com um hipocorístico de *Mathilde* ou de *Margarete*. *Hans*, tataraneto, tem seu nome originado de *Johann*, *Johannes*. *Emilie Lina*, neta, tem seu segundo nome originado, como hipocorístico, de *Adeline* (*Adeline*), *Carolina* (*Caroline* ou *Karoline*), *Angelina* (*Angeline*) etc., e assim por diante.

³⁸ Christiane Klapisch-Zuber refere-se a estes novos hábitos de pré-nominação como característicos do século XIX e XX (1984, p. 44).

imigrantes alemães luteranos e seus descendentes em Curitiba a partir dos anos 1860, mas o que se sugere é a possibilidade de ir além, generalizando-se convenientemente as soluções encaminhadas.

As hipóteses de trabalho desenvolvidas fundamentam-se na idéia de que a construção de “categorias” de nomes de batismo – como signos de identidade, tal como foi mencionado – podem ajudar a compreender a dinâmica das *fronteiras étnicas* (Barth, 1998, p. 195-197)³⁹ edificadas pelo grupo, no interior das quais a linhagem *Strobel*, e outras, se insere⁴⁰.

Parti de uma idéia relativamente simples, gestada, como mencionei, em 1978. Como mostrei acima (principalmente a partir do desenvolvimento dos Quadros 1 a 4), considero, em primeiro lugar, uma onomástica empregada nos registros de batismos e que deduzimos ter sido trazida na bagagem dos imigrantes (Categoria I). No seguimento, distingo uma tipologia, tal como mostra o esquema no Quadro 5.

Esse rol está praticamente construído, o que foi realizado com o auxílio de dicionários (Bahlow, 1985; Gotttschald, 1982; Guérios, 1981)⁴², independentemente de serem grafados de forma combinada ou não e que seria obtido com base na lista utilizada pelos casais “pioneiros”.

As histórias matrimoniais destes homens e mulheres iniciaram-se na comunidade imigrante entre 1866 e 1894, seja a partir do casamento, seja do primeiro filho nascido na paróquia. Os nomes dados no batismo destas crianças, e daquelas que se originaram das uniões iniciadas na comunidade entre 1895 e 1919, constituiriam o fundamento para a lista da Categoria I, referida no Quadro 5 (praticamente as três primeiras gerações da linhagem *Strobel*).

A elaboração da Categoria II constituiu um segundo passo na pesquisa, fundamentado na experiência adquirida com a reconstituição das famílias do grupo no qual se inserem

os descendentes de *Christian* e *Christiane*. Observando as coortes de casais iniciadas no período 1895-1919 e 1920-1939, em especial, verifiquei que era muito freqüente o aportuguesamento de nomes de batismo, que ocorria durante o próprio ciclo de vida do indivíduo. É de acreditar, por exemplo, que *August* (neto de *Christian Strobel*, nascido em 1890), ao se fazer conhecer na cidade – já adulto – como *Augusto*, estava dessa maneira tentando transpor fronteiras, mudando um dos “traços diacríticos” que revelava sua identidade. Reforçava uma tendência nessa direção, ao batizar seu filho como *Arnoldo Edwino* (1916) – um óbvio aportuguesamento das tradicionais fórmulas *Arnold Edwin*, listados na Categoria I. Entretanto, um primo seu nascido quase dois anos antes era batizado com o sonoro nome de *Waldemar Siegfried*, o que caracteriza o caráter contraditório e étnico dessa Categoria II. Dessa forma, surgem nessa segunda listagem prenomes como *Arvid*, *Eurich*, *Florenz*, *Gunar*, *Hans*, *Jürgen*... ou, *Astrid*, *Brigitta*, *Karin*, *Dietlinde*, *Edeltraut*, *Freya*, *Irmgard*..., e outros, que não foram encontrados no estoque original (Categoria I), mas que, sem dúvida, constituem a marca de uma identidade. Consciente ou inconscientemente, os pais das crianças assim batizadas, muitos deles descendentes dos antigos pioneiros, ainda estavam delimitando fronteiras⁴³.

Dessa forma, a definição de nomes masculinos e femininos que compõem esse segundo conjunto, denominados “teuto-brasileiros”, é mais complicada do que a primeira, exigindo às vezes decisões eventualmente discutíveis. O esquema no Quadro 6 pretende mostrar as soluções apontadas.

Em suma: se nela podem ser incluídos nomes oriundos da primeira categoria e traduzidos para o português – como *Joana*, *Carlos*, *Edmundo*, *Adelaide*, *Teresa* –, também deve conter alguns prenomes de características “germânicas” e que não constam do primeiro rol.

Quadro 5. Tipologia de prenomes germânicos.

		EXEMPLOS
Categoria I	1.1. Prenomes “germânicos” de um estoque imigrante.	<i>Karl, Gustav; Bertha, Elisabeth.</i>
	1.2 Prenomes flexíveis de um estoque imigrante, etnicamente marcados.	<i>Julius, Arthur (Louis) ⁴¹; Charlotte, Christine.</i>
	1.3 Prenomes flexíveis de um estoque imigrante, etnicamente não-marcados.	<i>Fidelis, Oscar (Daniel); Anna, Maria (Alice).</i>

³⁹ Na perspectiva desenvolvida por esse antropólogo, “o ponto central da pesquisa torna-se a fronteira étnica que define o grupo e não a matéria cultural que ela abrange. As fronteiras às quais devemos consagrar nossa atenção são, é claro, as fronteiras sociais [...]” (p. 195). Entretanto, as fronteiras implicam “contatos”: “Assim, a persistência de grupos étnicos em contato implica não apenas critérios e sinais de identificação, mas igualmente uma estruturação da interação que permite a persistência das diferenças culturais” (p. 196).

⁴⁰ Observo que o primeiro critério de *pertença* é a permanência nos registros da paróquia.

⁴¹ Os nomes entre parênteses, não recolhidos do estoque constituído pela linhagem *Strobel*, foram incluídos para enriquecer os exemplos.

⁴² As dúvidas foram sanadas com o auxílio da ferramenta “Suche” (buscar), anexada à www.beliepte-Vornamen.de.

⁴³ É necessário observar que o fluxo imigratório germânico mantém-se praticamente ininterrupto até a década de 1930.

Fica evidente, também, que essa categoria enfatiza uma fase posterior ao do terceiro conjunto, no processo da construção (e desconstrução) da identidade étnica. Nesse sentido, insere-se um terceiro momento, que enfatiza casais que estão nominando seus filhos segundo razões, em geral, bem diferentes dos seus pais e avós. De modo que, finalmente, o primeiro critério para integrar a Categoria III (denominada “brasileira”) será o de não ter sido arrolado

em nenhuma das duas categorias anteriores. Estamos tratando, neste grupo, de prenomes fundados na herança cultural da sociedade brasileira e, principalmente, na moda, o que os torna – mais do que aqueles das categorias precedentes –, de uso corrente e extremamente mutável (Quadro 7).

A utilização significativa desse estoque, muito mais vasto, poderia traduzir francamente um processo de integração

Quadro 6. Tipologia de prenomes “teuto-brasileiros”.

		EXEMPLOS
Categoria II	2.1 Prenomes “fantasiosos”, inventados ou reinventados, ou grafados incorretamente, do estoque imigrante.	<i>(Bentham); (Grunhild).</i>
	2.2 Prenomes “fantasiosos”, inventados ou reinventados, ou grafados incorretamente, do estoque teuto-brasileiro.	<i>Walfrid (Dascomb, Karlos); Rumilda (Edelsore, Irazema).</i>
	2.3 Prenomes “germânicos” de um estoque teuto-brasileiro.	<i>Ronald, Ivo (Uwe); Karin, Edda (Inge).</i>
	2.4 Prenomes constituindo um estoque teuto-brasileiro, traduzidos de um estoque “germânico”.	<i>Alberto, Carlos; Luiza, Fani.</i>
	2.5 Prenomes flexíveis do estoque teuto-brasileiro, etnicamente marcados.	<i>Harry, Marcus. Margot (Brigitte, Emily).</i>
	2.6 Prenomes flexíveis do estoque teuto-brasileiro, etnicamente não-marcados.	<i>Felix, Nelson; Carmem, Esther.</i>

Quadro 7. Tipologia de prenomes “brasileiros”.

		EXEMPLOS
Categoria III	3.1 Prenomes do estoque “brasileiro”	<i>Cláudio, Mauro; Roseli, Sílvia.</i>
	3.2 Prenomes do estoque “brasileiro”, inventados ou reinventados	<i>Glaucon (Aldinar); Sileze (Aglásia).</i>

Tabela 2. A Linhagem Strobel – Escolha dos Nomes de Batismo, segundo categorias e em função das gerações. Séculos XIX-XX.

GERAÇÕES	CATEGORIAS			
	I >	II >	> III	Total
1ª	03 [50%]	03 [50%]	-	06 [100%]
2ª	28 [78%]	07 [19%]	01 [03%]	36 [100%]
3ª	28 [47%]	23 [39%]	08 [14%]	59 [100%]
4ª	03 [06%]	15 [28%]	36 [66%]	54 [100%]
5ª	-	05 [23%]	17 [77%]	22 [100%]
Total	62 [35%]	53 [30%]	62 [35%]	177 [100%]

Fonte: Arquivo da Comunidade Evangélica Luterana de Curitiba – CELC-UP.

ou assimilação, ou desestruturação das fronteiras étnicas. Na mesma direção, uma vez que o fenômeno está relacionado à urbanização, diria que a própria variação de nomes da Categoria I para a Categoria II, e destas para a III, permitirá a visualização do enriquecimento do estoque de prenomes de batismo.

Finalizando, o encaminhamento da pesquisa dar-se-á na direção de uma exploração dos dados em função dos ciclos matrimoniais, tal como foi ensaiado em comunicação anterior, mas aproveitando o máximo da metodologia proposta. A Tabela 2 – construída a partir de uma organização dos descendentes de *Christian* e *Christine* Strobel pelo *software* SYGAP e recuperados nos registros da paróquia – pretende demonstrar uma das virtualidades da proposta de pesquisa, numa vertente apontada pela história das famílias da comunidade dos imigrantes e descendentes em Curitiba. Com efeito, seus dados, em que pese a pequenez dos números, evidenciam o desenvolvimento do processo de integração à comunidade receptora curitibana dos membros da mencionada linhagem de origem imigrante, comparando-se os prenomes dos primogênitos e ultimogênitos.

Mas esta já é outra história...

Referências

- BAHLOW, H. 1985. *Deutsches Namenlexikon. Familien- und Vornamen nach Ursprung und Sinn erklärt*. Baden-Baden, Suhrkamp Taschenbuch Verlag, 601 p.
- BARTH, F. 1998. Grupos étnicos e suas fronteiras. In: P. POUTIGNAT E J. STREIFF-FENART, *Teorias da Etnicidade*. São Paulo, UNESP, p. 187-250.
- BELIEPTE VORNAMEN. 2006. Disponível em: <http://www.beliepte-vornamen.de>, acesso em 15/12/2006.
- BESNARD, P. 1984. De la sous-exploitation des prénoms dans la recherche sociologique. In: J. DUPÂQUIER; A. BIDEAU e M.-E. DUCREUX, *Le prénom, mode et histoire. Les Entretiens de Malher 1980 (recueil de contributions)*. Paris, EHESS, p. 51-59.
- BIDEAU, A. et al. 1991. *Système de gestion et d'analyse de population*. Villeurbanne, Programme Pluriannuel en Sciences Humaines Rhone-Alpes/CNRS, 227 p.
- BLOCH, M. 1987. *A sociedade feudal*. 2ª ed., Lisboa, Edições 70, 496 p.
- BURGUIERE, A. 1980. Un nom pour soi. Le choix du nom de baptême en France sous l'Ancien Régime (XVI^e-XVIII^e siècles). *L'HOMME. Revue Française d'anthropologie*, 20(4):25-42.
- BURGUIERE, A. 1984. Prénoms et parenté. In: J. DUPÂQUIER; A. BIDEAU e M.-E. DUCREUX, *Le prénom, mode et histoire. Les Entretiens de Malher 1980 (recueil de contributions)*. Paris, EHESS, p. 29-35.
- COLATUSSO, D.E. 2004. *Imigrantes alemães na hierarquia de status da sociedade luso-brasileira (Curitiba, 1869 a 1889)*. Curitiba, PR. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Paraná, 102 p. e anexos. (Texto integral em <http://www.poshistoria.ufpr.br/bancoteses.htm>)
- DUPÂQUIER, J.; BIDEAU, A. e DUCREUX, M.-E. 1984. *Le prénom, mode et histoire. Les Entretiens de Malher 1980 (recueil de contributions)*. Paris, EHESS, 395 p.
- FINE, A. 1987. L'héritage du nom de baptême. *Annales ESC*, 4:853-877.
- 50 JAHRE Handwerker-Unterstützungs-Verein. *Gedenk- und Festschrift am 19. Juli; 1884-1934*. 1934. Curitiba, Max Roesner & Filhos Ltda, 225 p.
- FLEURY, M. e HENRY, L. 1965. *Nouveau manuel de dépouillement et d'exploitation de l'état civil ancien*. Paris, INED, 182 p.
- GÉLIS, J. 1984. *L'arbre et le fruit. La naissance dans l'Occident moderne; XVI^e-XIX^e siècle*. Paris, Fayard, 611 p.
- GOTTSCHALD, M. 1982. *Deutsche Namenkunde. Unsere Familiennamen*. Berlin/New York, de Gruyter, 667 p.
- GUÉRIOS, R.F.M. 1981. *Dicionário Etimológico de nomes e sobrenomes*. São Paulo, Ave Maria, 267 p.
- KINTZ, J.P. 1984. Société luthérienne et choix des prénoms à Strasbparg. XVI^e-SXVII^e siècles. In: J. DUPÂQUIER; A. BIDEAU e M.-E. DUCREUX, *Le prénom, mode et histoire. Les Entretiens de Malher 1980 (recueil de contributions)*. Paris, EHESS, p. 231-239.
- KLAPISCH-ZUBER, C. 1984. Constitution et variations temporelles des stocks de prénoms. In: J. DUPÂQUIER; A. BIDEAU e M.-E. DUCREUX, *Le prénom, mode et histoire. Les Entretiens de Malher 1980 (recueil de contributions)*. Paris, EHESS, p. 37-47.
- MACHADO, C. da S. 1998. *De uma família imigrante: sociabilidades e laços de parentesco*. Curitiba, Aos Quatro Ventos, 117 p.
- NADALIN, S.O. 1975. *A origem dos noivos nos registros de casamento da Comunidade Evangélica Luterana de Curitiba; 1870-1969*. Curitiba, PR. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Paraná, 341 p.
- NADALIN, S.O. 1978. *Une paroisse germanique au Brésil; la Communauté Évangélique Luthérienne à Curitiba entre 1866 et 1969*. Paris, França. Tese de Doutorado (3^e Cycle). École des Hautes Études en Sciences Sociales, 555 p.
- NADALIN, S.O. 1999. Cidade, ciclos matrimoniais e etnicidade: imigrantes e descendentes de origem germânica e luterana em Curitiba, 1866-1939. *História: Questões & Debates*, 16(30):205-226.
- NADALIN, S.O. 2000. *Imigrantes de origem germânica no Brasil; ciclos matrimoniais e etnicidade*. Curitiba, Aos Quatro Ventos, 256 p.
- NADALIN, S.O. 2004a. Construção e "desconstrução" de uma cultura imigrante: reconstituição de famílias, atribuição de nomes de batismo e identidade étnica. Séculos XIX e XX. Curitiba, PR. Projeto de Pesquisa. DEHIS/Universidade Federal do Paraná, 24 p.
- NADALIN, S.O. 2004b. *História e Demografia, elementos para um diálogo*. Campinas, Associação Brasileira de Estudos Populacionais, 241 p.
- NADALIN, S.O. e BIDEAU, A. 2001. Comment des luthériens allemands sont-ils devenus des brésiliens? (un essai méthodologique). In: 14^e Entretiens du Centre Jacques Cartier. Lyon, França.
- NADALIN, S.O. e BIDEAU, A. 2004. Comment des luthériens allemands sont-ils devenus des brésiliens? (un essai méthodologique). In: G. BRUNET et al. (orgs.), *Les Minorités – Minorities. Une démographie culturelle et politique, XVIII^e-XX^e siècles. A cultural and Political Demography, 17th-20th Centuries*. Bern, Peter Lang, p.233-266⁴⁴.

⁴⁴ Posteriormente o artigo foi publicado em inglês em 2005, *The History of the Family, An International Quarterly*, 10(1):65-85. Em português pode ser encontrado on-line, no *Boletim de História Demográfica*, 10(29):01-39, 2003 (http://historia_demografica.tripod.com/BOLETINS.HTM).

- NIEMEYER, E. 1934. *50 Jahre Verein Deutscher Sängerbund Curitiba; 1884-1934*. Curitiba, [VDS/]João Haupt.
- ROCHE, J. 1968. *A colonização alemã no Espírito Santo*. São Paulo, Difusão Européia do Livro/Universidade de São Paulo, 367 p.
- SCHNAPPER, D. 1984. Essai de lecture sociologique. In: J. DUPÂQUIER; A. BIDEAU e M.-E. DUCREUX, *Le prénom, mode et histoire. Les Entretiens de Malher 1980 (recueil de contributions)*. Paris, EHESS, p. 13-21.
- SIEMENS, J.U. 1992. *Os prenomes dos descendentes de alemães em Curitiba*. São Paulo, SP. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, 250 p.
- STROBEL, G.H. 1987. *Relatos de um pioneiro da imigração alemã*. Curitiba, Inst. Hist. Geogr. Etnogr. Paranaense [Estante Paranaense, n° 27], 142 p.
- WEITMANN, S. 1987. Prénoms et orientations nationales en Israël. *Annales ESC*, 4:879-900.
- WILLEMS, E. 1980. *A aculturação dos alemães no Brasil. Estudo antropológico dos imigrantes alemães e seus descendentes no Brasil*. São Paulo, Editora Nacional; Brasília, INL, 465 p.
- ZONABEND, F. 1980. Le nom de personne. *L'HOMME. Revue Française d'anthropologie*, 20(4):7-23.
- ZONABEND, F. 1984. Prénom et identité. In: J. DUPÂQUIER; A. BIDEAU e M.-E. DUCREUX, *Le prénom, mode et histoire. Les Entretiens de Malher 1980 (recueil de contributions)*. Paris, EHESS, p. 23-27.

Submetido em: 05/03/2007

Accepto em: 09/03/2007